

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 89	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	4 entregas		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	11 DE JUNHO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — Bi-centenario de Calderon em Madrid, MARIANO PINA — As nossas gravuras — Lourenço Marques, AUGUSTO DE CASTILHO — Conde de Cavalleiros, J. B. — Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — O Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro e o tri-centenario de Camões, G. L. — A guerra do Pacifico, G. Publicações.

GRAVURAS. — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes em Portugal, em 1880, Hermengarda, esculptura de J. M. Rato Junior — Bi-centenario de Calderon, Monumento a Calderon na praça do Principe Affonso em Madrid — Africa portugueza, Lourenço Marques — Conde de Cavalleiros — Australia, Exposição de Melbourne, vista interior do palacio — Theatro Aveirense, inaugurado em 5 de março de 1881 — Jazigo do Marechal Duque de Saldanha em S. Vicente de Fóra, para onde foram trasladados os seus restos em 23 de maio de 1881 — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A novidade importante da semana é a dissolução das camaras.

No fim de tudo não foi novidade alguma. E' já sabido que o primeiro acto administrativo de todos os ministerios novos é dissolver a camara.

E comprehende-se perfeitamente isto, e não pôde deixar de ser assim desde o momento em que o logar de deputado da nação portugueza é exclusivamente um logar de confiança.

D'antes era de confiança do povo, hoje é de confiança do governo, e todas as vezes que um ministerio novo sobe aos conselhos da corôa tem que nomear novos deputados como nomeia novos administradores de concelho.

A nomeação porém sae mais cara para o thesouro, e nós, não entendendo, felizmente, nada de politica, parece-nos contudo que haveria um meio facilimo de conciliar os interesses do governo com os interesses do thesouro, era acabar com a eleição para deputados, e fazel-os por nomeação do ministro. Era mais simples, e sobretudo mais barato.

E os effeitos seriam perfeitamente os mesmos.

O que é original é que a politica portugueza com estas successivas dissoluções vae perfeitamente de encontro as regras mais elementares da grammatica.

Diz a velha grammatica que dois ou mais singulares fazem um plural.

Na politica portugueza acontece precisamente o contrario, e está-se provando já a olhos vistos, dissoluções sobre dissoluções, dão um singular terrivel — a dissolução.

Entretanto o governo vae consultar o paiz. Estas consultas parecem-se extraordinariamente com as consultas que d'antes faziam aos santos os frades em Guimarães.

Quando lá estivemos vimos ainda os vestigios d'esse processo de consulta.

Havia lá uma santa velha que o prior teve sua repugnancia em mostrar.

A instancias do fallecido marquez de Sousa Holstein a tal santa appareceu. Estava já muito deteriorada pelos annos, mas era d'uma boa esculptura.

No braço porém, já quebrado, tinha um engonso, e uma argola de ferro.

Para que seria essa argola?

Era para as consultas.

Essa argola tinha preso um cordelinho.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



HERMENGARDA. — Esculptura de J. M. Rato Junior (segundo uma photographia de H. Nunes)

que por baixo da túnica vinha parar ás mãos do sacrista.

Os frades quando queriam fazer qualquer coisa, consultavam a santa diante do povo. O sacrista puchava o cordelinho, a santa mexia o braço em signal de assentamento e o povo retirava-se satisfeito.

Actualmente as coisas fazem-se pelo mesmo processo mas com muita mais despeza. Não admira porque o pessoal é também muito maior.

O cordelinho prende-se á vontade popular, e por debaixo da esburacada túnica da constituição vem ter á mão do sacrista, isto é, do administrador do concelho.

O governo consulta, o sacrista pucha o cordelinho e está feito o milagre.

A differença é que em Guimarães havia só um sacrista a puchar o cordel, e que hoje, em Portugal, para esta solemnidade, ha nada mais nem nada menos, de 285, fóra os adjuntos, que se fazem pagar muito bem.

E' por isto que estes milagres eleitoraes saem muito mais caros do que d'antes.

Para conciliar tudo n'estes tempos d'economia parecia muito melhor fazer as eleições geraes em Guimarães.

— Causa rara, temos d'esta vez excellentes noticias de Bellas-Artes portuguezas. O presidente da commissão da exposição de Londres telegraphou ao sr. Delfim Guedes, presidente da commissão portugueza, participando-lhe que todos os objectos portuguezes, que d'aquí partiram para a exposição, chegaram lá perfeitamente e que estão já convenientemente dispostos nos seus logares. No mesmo telegramma, o presidente participa que espera um grande successo da exposição portugueza.

Esta exposição, como se sabe, ou antes, como geralmente se não sabe, deve-se ter aberto hoje 11 e fecha no fim de setembro.

— O inspector da Academia de Bellas-Artes portuguezas, anda trabalhando com todo o empenho em organizar uma grande exposição de arte ornamental portugueza e hespanhola no novo palacio da Academia ás Janellas Verdes. O sr. Delfim Guedes espera, para esse fim, reunir aos esplendidos e variadissimos objectos que foram para Inglaterra, muitos outros de grande valor historico e artistico que são propriedade de corporações ou de particulares. Esta exposição que deve ser grandiosa abrir-se-ha no meado de outubro e a commissão promotora terá por presidente el-rei D. Luiz.

Que venha esta exposição para que nós saibamos o que temos de casa quando estamos sempre a admirar o que vemos lá fóra.

— E já que fallamos de bellas-artes, ainda outra noticia. O jury da ultima exposição de bellas-artes, de Madrid, concedeu a medalha de honra a um artista já morto, ao sr. Madrazo, pelo projecto da restauração da cathedra de Lyon. No jury, houve opiniões contrarias que queriam se concedesse a medalha de honra ao pintor Casado auctor do grande e terribel quadro, *la Campanula del rei lano*, creio eu.

Este quadro muito notavelmente executado é pelo assumpto um verdadeiro horror. Sabem o que é a campanha do tal rei? Eu lhes conto por alto.

O rei Ramiro se não me engano, quando subiu ao throno, foi ameaçado de morte pelos partidos contrarios, que eram terriveis. O rei não se assustou inteiramente nada e disse a quem o aconselhava a que deixasse o poder: não faz mal, deixem estar que tenho uma campanha para os chamar á ordem.

E d'ahi a dias o rei convidava os seus inimigos para irem a um subterraneo onde elle tinha a sua campanha. E agarrado a um enorme cão de fila, que faz esforços diabolicos para avançar aos que entram e que elle prende com uma grossa cadeia, mostra a campanha aos seus convidados, cheios de terror. Essa campanha tinha por badallo tres ou quatro cabeças dos principaes chefes da ultima conspiração e por diametro vinte ou trinta cabeças dos seus cumplices.

Já veem que este quadro não é precisamente

d'uma alegria louca e tem o seu quê de *charcuterie*. O seu auctor não teve a medalha de honra mas o jury vae propol-o ao governo para ser condecorado.

— Chegou-nos do Porto uma triste noticia, Morreu alli n'um hospital o sr. D. Luiz Vermell y Busquets, conhecido pelo *Peregrino hespanhol*, artista de raras aptidões, desenhador, colorista, pintor, miniaturista, esculptor, entalhador. O sr. Vermell foi collaborador do OCCIDENTE e muitas vezes alegrava com a sua visita a nossa redacção. Era um velho muito fallador, engraçado, que não permitia uma resposta que passasse de duas syllabas, porque todo o tempo era pouco para elle fallar, e que apesar da sua locacidade, era pouco expansivo, chegando mesmo a ser mysterioso. Na recente exposição do centro artistico portuense, o sr. Vermell apresentou uma estatua, feita em marmore de Extremoz, e intitulada — *Eva no paraizo*.

Uma lagrima á sua memoria.

GERVASIO LOBATO.

O BI-CENTENARIO DE CALDERON, EM MADRID

Madrid é uma cidade immensamente alegre. Para quem se demora ali pouco tempo, todos os passeios e todas as excursões se resumem á Puerta del Sol, á *calle d'Alcalá*, á Carrera San Geronimo, ao Prado, Buen Retiro e, quando muito, bairro de Salamanca. Visto isto fica-se com uma ideia mais ou menos perfeita do que é esta capital, e comprehende-se a vida ruidosa d'esse povo que ás 7 horas manda as suas mulheres para o Prado, fazerem exposição dos seus deliciosos rostos e do seu impagavel *salero*. As ruas, onde a vida mais se concentra, são espaçosas e grandes. A *calle d'Alcalá* tem seguramente duas larguras do nosso Chiado. Os predios são d'uma construção elegante. As *ventanas* muito saídas, tem aspectos curiosos de estufas de vidro; e as frontarias tocadas d'um fraco amarello de canario ao serem inundadas d'um largo sol enchem-se d'uma vaga tonalidade d'ouro, distincta e magestosa.

O movimento das *calles* é verdadeiramente extraordinario para um portuguez que apenas conheça a concorrencia da rua do Ouro e do Chiado. Pelas janellas e portas dos cafés sae constantemente um grande ruido produzido pelos vidros que tilintam nas mezas de marmore, e pelas conversas de mais de cem pessoas, que, servendo com socego um copo de *helado*, discutem todas as questões que agitam o mundo politico, litterario, artistico ou commercial de Hespanha. O nosso triste e melancolico *Martinho*, onde se destaca a enorme curva do nariz de Valentim e onde se sente o espectorar cavo e soturno de qualquer major cheio de velhos catharros, parece-me que não serve bem para dar uma ideia do que seja o *Fornos* ou o *Iberia*. Também o nosso *Aurea* está longe de nos dar a ideia do menos frequentado café de Madrid, a não ser que se lhe duplique a área, e que se lhe introduza lá dentro toda a concorrencia d'um Passeio Publico ao domingo, depois de ter fechado S. Domingos e de começarem a vibrar os metaes que o sr. Gaspar dirige.

Para nós outros, filhos do isolamento e da melancholia, uma cidade assim, é uma cidade que está sempre em festa, por que qualquer *calle* tem mais transeuntes que a rua Augusta nas manhãs da procissão da Senhora da Saude. Não lhes fallo, pois, da quantidade de proximo com quem se depara n'um dia de festa, por que para semelhante calculo não está sufficientemente architectado o cranio d'um lusitano a que o Padre Eterno lhe dá em proximo quantidades tão diminutas, como o rendimento em réis d'uma acção dos Recreios!

E' assim que eu ao entrar em Madrid, ás seis horas da manhã, ao ver todo aquelle movimento, imaginei que as festas do centenario tinham terminado n'aquelle instante e que a multidão se preparava para dispersar. Pobre

innocencia lisboeta! Como é para nós fatal a pessima educação das procissões a que assiste *todo-o-mundo*, quando esse *todo-o-mundo* não passa d'uma confraria com 5 irmãos, 2 andores, 3/7 da pança d'um conego da Sé, e cinco devotas de véu, segurando em cyrios atraz da banda da municipal!

Tudo quanto entre nós tem lingua e tem garganta pede escolas, para isto, e mais isto, e mais isto. Não será extranho que eu peça também uma escola, mas d'um genero novo no paiz, e que deve constituir o exemplar da verdadeira escola nacional, aquella que seja a expressão d'um determinado ensino que em todo o mundo só sirva para um povo — o portuguez. Essa escola toda pratica, para maiores e menores, terá por fim evitar sustos futuros que muitas vezes trazem mudez com grande tristeza das respectivas familias, ensinando aos alumnos — a ver gente! Para esse fim será necessario haver uma grande gaiola onde se encerrarão 500 ou 600 individuos, que podem sair da nobre classe dos Amanuenses sem que com isso periguo o serviço publico, pelo contrario, ganhará immenso! e esses individuos serão mostrados de mez a mez aos alumnos, para que elles comprehendam que a terra não é deshabitada, e que a dois dias de viagem de Lisboa poderão encontrar exemplares, não tão feios! d'uma raça que julgando-se perdida, ainda existe — a raça humana!

D'esta forma educados, creanças e adultos, com o extraordinario espectáculo de encontrarem mensalmente, n'um determinado recinto, um grupo mais alentado de vigorosos varões, essas creanças e esses adultos poderão comprar sem receio o seu bilhete de caminho de ferro em direcção a Madrid. Chegados á capital hespanhola não tem esta enorme surpresa que pôde levar á syncope, de se acharem frente a frente n'uma mesma rua com 2:000 companheiros, e poderão encontrar-os de frente sem terem necessidade de proceder a este acto altamente indigena que exprime surpresa — apontarem com o fura-bólos!...

As festas puramente officiaes e publicas, com que se commemorava o 2.º centenario de Calderon, realisaram se no dia 25, 26 e 27 de maio. Antes e depois d'estes dias houve também muitas festas, mas de caracter mais particular. Os jornaes não se cansavam em annunciar saraus, sessões solemnes, conferencias, jantares commemorativos, recepções, espectaculos onde figuravam as peças do autor da *Vida es sueño*, finalmente, uma quantidade de celebrações todas differentes, todas notaveis, para que seria necessario possuir o dom da ubiquidade se se tivesse a vaga pretensão de assistir a tudo quanto se realisou em Madrid.

No dia 24 a imprensa hespanhola convidada para um grande banquete em Aranjuez á imprensa estrangeira que ia assistir ao centenario. Depois de se ter visitado o palacio e a *Casa del Labrador* que pertence á corôa d'Hespanha, é que eu comprehendi o quanto é mais feliz o desenhador d'uma illustração do que o *reporter* de qualquer jornal. A palavra é insignificante para dar uma ideia ainda que muito mesquinha das variadissimas obras d'arte que aquellas casas encerram, que aquelles vastos salões possuem. Só o lapis pôde ser o intermediario para fazer comprehender ao amator de novidades estrangeiras o que eram aquelles magnificos relógios de bronze e ouro; aquelles preciosos Sévres onde ha os desenhos mais suaves e as curvas mais puras e elegantes; aquelles quadros que receberam vida ou de Velasquez, o grande naturalista, o grande interprete do homem, ou de Murillo o grande mystico peninsular; aquelles pannos riquissimos que vestiam as paredes das salas; aquelles gabinetes phantasticos; um, todo coberto de porcelana chinesa, outro, cópia fiel da Alhambra; aquella *retrete* que custou 16 milhões; aquelles frescos de Beyeu ou de Girodet; aquelles mobílias forradas a seda bordada d'ouro; aquella escada d'ouro massico; tudo

aquillo que é grande, que é immenso, que é fabuloso, e, como muita cousa que é extraordinaria, que é também brutal... Essa excursão ficará sempre gravada no espirito de todos que em alegre companhia de cerca de 80 pessoas, levantaram os mais entusiasticos brindes, diante d'um bello grupo mythologico, feito em bronze, onde sobresahia Ceres, e que no centro d'um enorme lago servia para soberbos jogos d'agua, alimentados por aquelle rio que segundo o sr. Thomaz Ribeiro é de crystal, e segundo alguns moradores do Aterro, mais affeitos ao contacto, é d'uma agua que não é positivamente a agua de Lubin...

No dia 30 essa mesma imprensa que tanto fazia para obsequiar não só a imprensa portugueza, como também a franceza, ingleza, allemã, sueca, italiana, brazileira, americana, punha á sua disposição wagons reservados na gare do Norte, e ás sete e meia da manhã seguíamos em direcção ao Escorial. Chegados ali eramos recebidos pela banda do collegio militar; o grande industrial Mathias Lopez, na maior casa da sua fabrica offerenciá um almoço de cem talheres, e em quanto, com bello appetite, se devoravam alguns pedaços de *galantine*, viam-se as machinas a todo o vapor, preparando o chocolate, desde o aparelho que está moendo o cacau e a canella, até ás fórmulas a vapor que preparam a massa, dividida e competentemente marcada, para seguir para os subterraneos frigorificos onde gela em poucos minutos. Depois, seguíamos em trens para o mosteiro, espantoso monstro de pedra que a distancia parece mesquinho pelas elevadas montanhas que o circumdam; percorriamos todas as suas divisões; desciamos ao pantheon; examinavamos as suas riquezas phenomenaes; viamos os sombrios quartos em que viveu por longos annos este sujeito nefasto que na historia da Hespanha tem o nome de Philippe II; admiravamos os bellos quadros de Velasquez, de Murillo, os frescos de Jordano, os missaes em pergaminho com primorosas illuminuras; e por ultimo entravamos n'uma capella toda de marmore branco, d'uma pureza casta e religiosa, onde havia um pequeno e singelo tumulo, também de marmore branco, d'uma construção simples e delicada em que se destacava em letras d'ouro este nome — *Maria de las Mercedes* — que é o expirar d'um lyrio perfumoso pendendo sobre as bordas d'um vaso de crystal! Descia-se ás salas do collegio; viam-se os gabinetes de physica, e de historia natural; e n'um jantar ruidoso e alegre bebia-se pela fraternidade universal, em quanto ha cem ou dusentos annos atraz, n'aquelle mesmo sitio, se passava simplesmente na melhor maneira de subjugar um povo, ainda que para isso morresse um milhão d'homens!

(Continua)

MARIANO PINA.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

HERMENGARDA

Escultura de José Moreira Rato Junior

A estatua do sr. Moreira Rato Junior que hoje damos em gravura figurou na ultima exposição de Bellas Artes. O assumpto é tirado do grande livro de Alexandre Herkulano, *Eurico o Presbytero*. Hermengarda, filha de Favila e irmã de Pelagio depois de saber que Eurico o seu louco apaixonado, aquelle de quem recusara a mão para obedecer a seu pae, mas a quem dera todo o seu amor, era o Presbytero da diocese de Hispaliz, enlouquece cantando.

«Nessa noite, quando Pelagio voltou á caverna, Hermengarda deitada sobre o seu leito, parecia dormir. Cansado do combate e vendo-a tranquilla, o mancebo adormeceu também perto d'ella, sobre o duro pavimento da gruta. Ao romper da manhã acordou ao som do canto suavissimo. Era sua irmã que cantava um dos hymnos sagrados que muitas vezes elle ouvira entoar na cathedra de Tarraco. Dizia-se que seu auctor fóra um presbytero da diocese de Hispaliz, chamado Eurico.

«Quando Hermengarda acabou de cantar ficou um momento pensando. Depois, repentinamente, soltou uma d'estas risadas que fazem errigar os cabellos, tão tristes, soturnas e dolorosas são ellas; tão completamente exprimem irremediavel alienação d'espirito.

«A desgraçada tinha, de feito, enlouquecido.»

A execução da estatua é arrojada, o sem ser uma obra

perfeita, denota contudo uma grande alma d'artista, e um extraordinario talento.

O sr. Moreira Rato Junior está d'esde o anno passado a estudar, particularmente, em Paris. A estatua foi feita antes de partir.

Em Paris logo nas primeiras provas alcançou o segundo premio entre 40 alumnos.

É um artista de grande talento destinado a ser uma das glorias da escultura portugueza.

Nos n.ºs 48, de 1879, e 50 de 1880, do nosso jornal reproduzimos já pela gravura duas estatuas d'este notavel artista, uma, o *Rapaz rufando n'uma panela*, que foi premiada com a medalha d'ouro na exposição portugueza do Rio de Janeiro, e pertence a S. M. a imperatriz, e outra, *um espartano armando-se para o combate* que foi premiada no concurso trienal da Academia de Bellas Artes de Lisboa.

MONUMENTO A CALDERON DE LA BARCA

O monumento que a nossa gravura reproduz foi erigido ao grande poeta dramatico da Hespanha, na praça no Principe Affonso, em Madrid, no dia 2 de janeiro de 1880.

Nesse mesmo dia a Hespanha cobria de corôas, em frente da porta principal do classico cofiseu, o feretro de Lopez d'Ayala, e assim no mesmo dia a nação visinha pagava o preito de admiracão ao seu grande poeta do seculo d'ouro e ao notavel poeta contemporaneo que tão brilhantemente seguira as pisadas do auctor da *Vila es sueño*.

O monumento é de marmore de Carrara e no estylo da Renascença. Calderon está sentado tendo na mão um livro, e na parte posterior sentada também a Fama. No pedestal, composto de tres corpos, chama poderosamente a attenção a maneira como estão trabalhados os baixos relevos. Esses baixos relevos representam as scenas de mais interesse plastico das peças de Calderon. A riqueza do pedestal harmonisa com a sobriedade da estatua, o conjunto do monumento é severo e elegante.

O auctor do monumento é D. Juan Figueras. A estatua foi feita em tres annos por este notavel escultor — 1873 a 1876 — e seu destino ao monumento.

Sendo enviado como pensionista do estado a Roma para estudar escultura, D. Juan Figueras teve que fazer, segundo as condições da pensão, um grupo em marmore representando qualquer personagem historico á sua escolha. O artista escolheu para a sua obra o grande Calderon de la Barca.

A estatua teve um grande successo, e o fallecido poeta Lopez d'Ayala fez com que o estado a cedesse ao municipio para o monumento projectado a Calderon. O municipio de Madrid encarregou então o auctor da estatua de executar todo o monumento.

A EXPOSIÇÃO DE MELBOURNE

No numero 33 do OCCIDENTE, do anno de 1879, demos em gravura o projecto do palacio da exposição de Melbourne, acompanhando essa gravura com os dados estatísticos verdadeiramente assombrosos da população da colonia da Victoria, de que Melbourne é a capital, a colonia mais florecente de toda a Australia.

Hoje damos em gravura uma das salas d'essa exposição que está chamando as attencões de todo o mundo civilizado, e que reuniu n'essa colonia fundada ainda hontem, em 1851, todos os ultimos esforços das industrias e das artes do Universo.

Na construção do palacio da exposição foi seguido á risca o projecto primitivo que é elegantissimo como se pôde ver na gravura que acima citamos.

A secção mais rica da exposição de Melbourne é a secção ingleza onde se vêem ao lado das mais notaveis obras d'arte, os espelhos magnificos da casa Birmingham e Sheffield, os pianos e os harmonium de Drinsnear, e as perfumarias celebres de Lubin e de Pierre, de Londres. Uma das secções mais curiosas e seguramente a mais original é a secção das laus que tem atrahido todas as attencões dos visitantes e a extraordinaria civilização progressiva deu-nos a seguir duas magnificas exposições, hontem a de Sedney, a capital da provincia de Nova Galés do Sul, hoje a de Melbourne que lhe é muito superior e aonde apenas não se fizeram representar Portugal e a Hespanha.

THEATRO AVEIRENSE

Damos hoje em gravura a fachada do theatro Aveirense inaugurado em 5 de março ultimo, pela companhia do theatro de D. Maria II. O theatro fica situado na praça Municipal junto ao lyceu. O terreno onde está foi comprado pela camara com o producto da venda de uma casa na rua dos Mercadores, que o grande orador José Estevão alcançou do Estado para a construção de um theatro em Aveiro. A camara municipal começou em tempo a edificar o theatro, — segundo um projecto elaborado pelo fallecido engenheiro Julio Augusto Leiria e pelo nosso collaborador Brito Rebello, projecto que se perdeu em mão do fallecido morgado da Oliveirinha, presidente, que era, da referida camara, — lançando-se a primeira pedra do edificio a que se deu o nome de theatro de D. Pedro V, em 1857. A obra porém não passou dos alicerces ou antes, chegou apenas a dois metros acima do solo. Durante o espaço de vinte annos, por difficuldades financeiras ou por qualquer outro motivo, conservou-se a obra n'este estado, até que em 1869 se organizou a actual sociedade que, comprando o terreno á camara e a obra que estava feita levou a cabo a edificação do theatro, contribuindo muito para isso a boa vontade e os intelligentes esforços dos srs. Gustavo Ferreira Pinto Basto e do sr. Araújo, lente do lyceu de Aveiro. O capital social é de dez contos de réis, pertencendo tres

contos, em acções á camara. O custo do theatro foi de 10:500\$000 réis. Tem 300 logares de platéu entre cadeiras, superior, e geral, 16 frisas, 19 camarotes de 1.ª ordem, 5 de segunda, podendo comportar ao todo 700 espectadores.

O palco tem todas as accomodações necessarias a um theatro e a vastidão precisa para se poder dar qualquer peça do espectáculo.

O panno de bocca e o scenario foram desenhados e pintados pelos scenographos da Lisboa, Rocha e Barros. A decoração das salas no estylo raphaelesco foi executada pelos mesmos artistas segundo o desenho do sr. engenheiro Arango. A illuminação do theatro é feita a petroleo por não haver ainda gaz em Aveiro. O theatro tem dois bellos salões e um lotequim.

JAZIGO DO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

TRASLADAÇÃO DOS SEUS RESTOS MORTAES

No nosso n.º 73, o primeiro do corrente anno, commemoramos, como podiamos, a grande figura historica do marechal duque de Saldanha, o primeiro general portuguez d'este seculo.

A penna brilhante do sr. Pinheiro Chagas traçou então com rapidas linhas, n'um palpitante esboço, esse vulto sympathico e fascinante, que durante mais de sessenta annos exerceu no paiz a influencia da sua poderosa individualidade.

Caracter franco e aberto, liberal por indole, chegando no seu viver particular a ser quasi perdulario, os seus rendimentos nunca foram seus, mas sempre dos seus parentes, das viúvas, dos orphãos, dos seus camaradas, dos necessitados, enfim, qualquer que fosse a sua qualidade.

Generoso, foi sempre o primeiro a pugnar pelos direitos e bem estar dos inimigos vencidos. Se o partido miguelista deve a elle a sua derrota, os miguelistas vencidos e esquecidos pelos seus irmãos liberaes, devem ao duque de Saldanha o cumprimento, embora tardio, das promessas dos vencedores.

No Brazil, quando ali serviu de capitão general, o seu governo illustrado e liberal distinguio-se do de todos os outros capitães generaes, incluindo o proprio conde de Villa Flor.

O imperador D. Pedro, a quem o haviam acimado de republicano, não o trouxera de França, mas quando viu a sua causa periclitando no Porto, teve meio indirecto de o fazer chamar áquella cidade, e desde que lhe entregou o cargo de chefe do estado maior general, viu a differença que havia entre um general portuguez que pensa e sente a outro estrangeiro que obra sem consciencia. Quando finalmente D. Miguel entregou o commando do seu grande exercito ao conquistador d'Argol, a espada do general Saldanha, á frente das pequenas hostes liberaes, quebrou o bastião do marechal Bourmont, e na memoravel batalha das linhas do Porto desfez a potencia realista, que de então em diante contou sempre os combates pelas derrotas.

O duque de Saldanha, marechal do exercito, João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, neto do grande marquez de Pombal, nasceu em Lisboa a 17 de novembro de 1790 e falleceu em Londres a 21 de igual mez de 1876, quando exercia ali o cargo de embaixador de Portugal.

Transportado o seu cadaver a Portugal, foi depositado na igreja de S. Vicente d'esta cidade, e mandou-se erigir um tumulo, em uma capella proximo do carneiro real, junto áquella em que repousa o marechal, duque da Terceira.

A 23 de maio ultimo, foi feita a trasladação para o seu definitivo jazigo, assistindo a este acto os ministros, generaes, pares do reino, militares de todas as gerarchias, e muitos outros individuos que foram prestar a derradeira homenagem ao grande general.

No sarcophago lê-se a inscripção seguinte:

POR ESPECIAL ORDEM REGIA
PARA HONRAR A MEMORIA
DE

JOÃO CARLOS DE SALDANHA MARECHAL DO EXERCITO
* NASCIDO EM LISBOA

A 17 DE NOVEMBRO DE 1790 E FALLECIDO EM LONDRES A *
21 DE NOVEMBRO DE 1876

* PELOS SEUS GLORIOSOS FEITOS DE VALOR EM PROL
DA INDEPENDENCIA E *
DA LIBERDADE DA PATRIA

FORAM AQUI DEPOSITADOS OS SEUS RESTOS MORTAES EM LOGAR
CONTIGUO ÁQUELLE EM QUE REPOUSAM OS SOBERANOS
A QUEM LEALMENTE SERVIU
21 DE NOVEMBRO DE 1880 1

Nunca o estylo lapidar foi mais chato, nem mais inexacto. A inscripção parece redigida por algum sacristão ou canteiro de aldeia.

O cadaver do marechal não foi collocado ali a 21 de novembro de 1880 como n'ella se lê, mas sim no dia acima mencionado.

Seja como fór, ali jaz, e proximo d'elle, o ultimo representante dos paladinos da tempera do grande condestavel.

O tumulo fechou-se, mas em quanto existir, não já um soldado que militasse sob as suas orleas, mas um individuo que fallasse com o marechal Saldanha cinco minutos, jamais será esquecida aquella nobre e atrahente figura.

1 As linhas entre asteriscos formam duas na inscripção; não as reproduzimos por inconveniente typographico.

LOURENÇO MARQUES

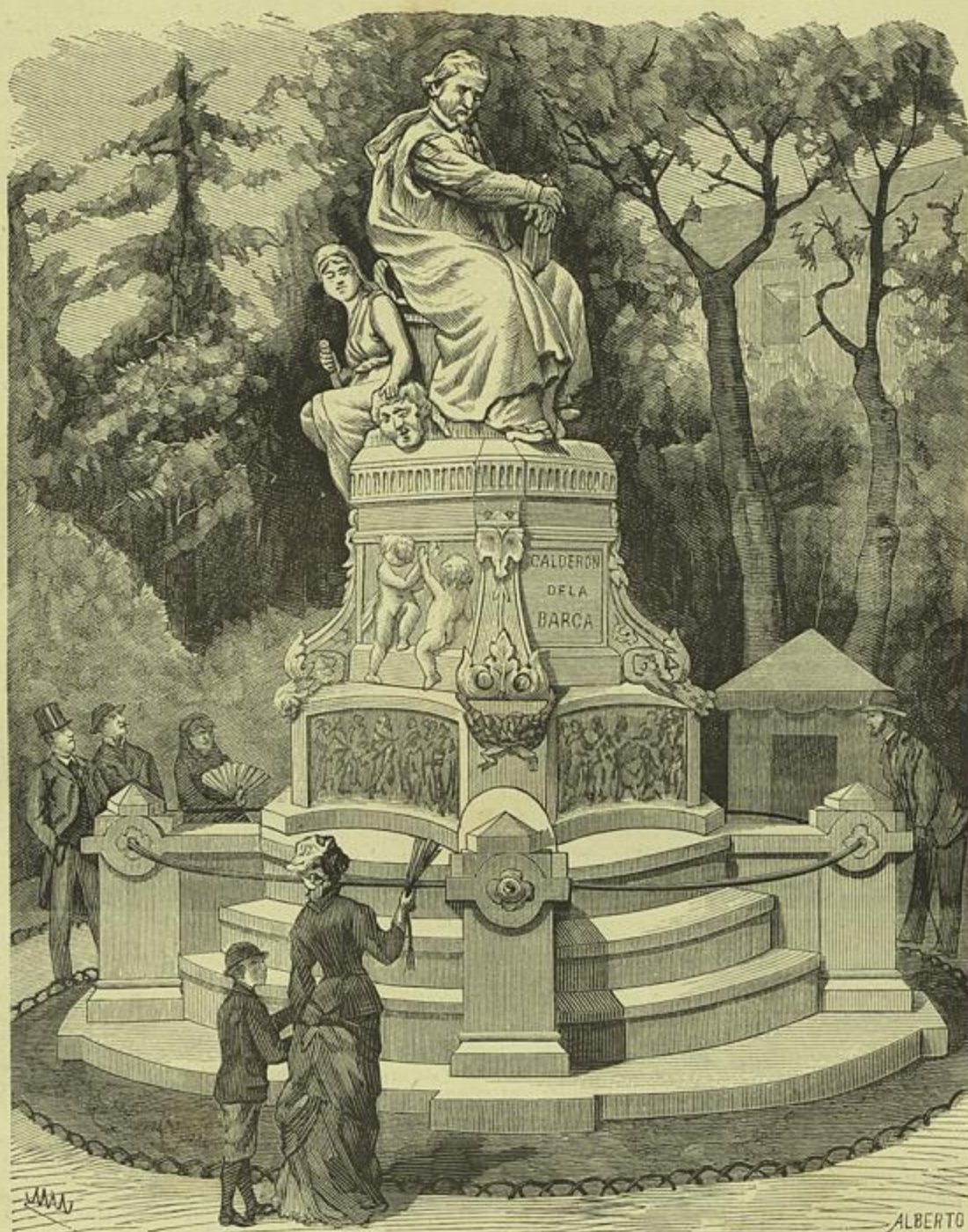
Vimos que o governo portuguez e os seus delegados e representantes na costa oriental da Africa, desconheciam por muito tempo a importancia do porto de Lourenço Marques, e não lhe deram por meio de providencias administrativas e politicas aquelle impulso de que elle carecia para se desenvolver e prosperar.

Parece todavia que outras nações mais sensatas, olhavam para a bahia de Lourenço Marques com certa attenção e faziam diligencias para d'ella se apoderarem, prevendo talvez *à ratione*, mais do que pelo resultado de um exame de factos, o seu grande valor commercial e politico.

Em 1721 foram os holandezes que alli fundaram feitoria zombando da nossa então debil dominação. A occupação holandesa era logica, se não justa. Acha-va-se aquella nação de posse do Cabo da Boa Esperança e territorios circumvisinhos; os seus optimos colonos já iam devassando com audacia todo aquelle incognito sertão para os lados do Nordeste, e depois de terem reconhecido por experiencia propria e alheia, quanto toda aquella beiramar é inhospita para a navegação, buscavam assentar um pé no porto cujas naturaes e optimas condições faziam prever que n'elle viria um dia a fundar-se um grande emporio.

Como porém a nova feitoria holandesa não podia ligar-se e estender a mão aos estabelecimentos fundados no interior, apoiando-se uns nos outros mutuamente, e como o clima e a inimisade dos cafres enfraqueceram bem depressa a nascente colonia, foi esta

BI-CENTENARIO DE CALDERON



MONUMENTO A CALDERON NA PRAÇA DO PRINCIPE AFFONSO EM MADRID (Esculptura de Figueras)

arrasada por piratas inglezes em 1733.

Em 1768 foram inglezes que se instalaram na bahia de Lourenço Marques arvorando a sua bandeira sobre uma fortificação provisoria.

Dez annos mais tarde fundaram os austriacos a seu turno uma feitoria na bahia, que foi desalojada pouco depois por uma expedição que da India mandou o vice Rei.

Em 1787 fizemos alli algumas obras de defesa elevando aquella pobre, intermitente e ephemera colonia, á categoria de presidio. Durou pouco essa occupação, sendo em 1796 invadido o presidio por francezes, saqueado e arrasado. Vinham estes em grande força e encontraram os nossos poucos em numero, cortados de doenças, e incapazes portanto de lhes oppôr séria resistencia. Concluida esta façanha de piratas, os francezes abandonaram o paiz, onde não tinham sympathias dos regulos.

Em 1799 restabelecemos a feitoria e presidio e construímos a fortaleza, que mais ou menos accrescentada e modificada depois, ainda ali hoje se vê.

Em 1833, a 22 de outubro, cercaram os vatuas (cafres dos mais ousados) a fortaleza de Lourenço Marques, que foi pelos nossos evacuada na noite de 27 para 28. No dia seguinte entraram os negros no presidio, e desmantelaram o forte; depois surpreenderam o governador Dionisio Anionio Ribeiro que se refugiara com alguns soldados na ilha Xefina, levaram-no para a destruida povoação, e ali o assassinaram barbaramente.

Os inglezes, mais persistentes e mais previdentes do que outras nações Europeas, nunca



AFRICA PORTUGUEZA — LOURENÇO MARQUES (Segundo uma photographia)

perderam de vista, e nunca deixaram de cubir a formosa bahia. Em 1815 já depois de terem desalojado do Cabo da Boa Esperança os holandeses, veio de Bombaim á bahia de Lourenço Marques commerciar, a galera *Perseverance* contra as ideias de monopolio que áquelle tempo ali dominavam. Mas esta galera foi expulsa a tiros da fortaleza.

Em 1823 foi ali o capitão Owen da marinha real ingleza commandando em chefe os navios *Leven* e *Barracouta* que andavam em serviço hydrographico ao longo de todo aquelle littoral. O capitão Owen illudindo a boa fé dos portuguezes e dos regulos indigenas, simulou tratados de cessão de territorio com os de Tembe e de Maputo, e proclamou direitos de soberania da Grã Bretanha a toda a parte meridional da bahia onde dominavam os ditos regulos, incluindo as ilhas da Inhaca e dos Elephantes.

Estas pretensões de direitos foram logo contestadas pelo nosso governo, e pelos seus representantes em Londres, no Cabo, em Moçambique e em Lourenço Marques; os quaes todos protestaram contra semelhante usurpação. Seguiram-se a esse protesto negociações diplomaticas energicamente conduzidas, mas estas foram interrompidas até 1860 por ter ficado sem resposta durante perto de 40 annos uma categorica nota do nosso representante em Londres sobre esse melindroso ponto.

Em 1860 renovaram os inglezes as suas tentativas arvorando nas ilhas da Inhaca e dos Elephantes a sua bandeira e saudando-a com 21 tiros da fragata *Narcissus*. Recomeçaram n'essa occasião as polemicas diplomaticas, cessando só em 1873 por mutuo accordo das duas potencias que resolveram submitter á arbitragem amigavel de uma terceira, a França, o seu tão protraido pleito. Finalmente em 1875 por sentença arbitral de 24 de julho foi decidido pelo Marechal de Mac-Mahon Presidente da república franceza, que o nosso direito á posse de todo o territorio da bahia de Lourenço Marques se achava baseado em ar-



CONDE DE CAVALLEIROS — Fallecido em 23 de Maio de 1881
(Segundo uma photographia de Disderi)

gumentos validos e substanciaes. A Inglaterra respeitou como lhe cumpria esta sentença retirando depois d'isso as suas insistentes pretensões.

(Continua)

AUGUSTO DE CASTILHO.

CONDE DE CAVALLEIROS

Finou-se no dia 23 de maio ultimo, um dos briosos representantes da antiga casa de Marialva, de tanto lustre e nomeada no nosso paiz.

Era este D. Rodrigo José de Menezes Ferreira d'Eça, 3.º Conde de Cavalleiros, 15.º senhor do Morgado de Cavalleiros, a que estão annexos os de S. Mamede do Recezinhos, Refois de Lima, e S. Thomé de Negrellos.

Nascera o 3.º Conde de Cavalleiros a 13 de maio de 1813, sendo filho de D. José Thomaz de Menezes e de D. Luiza Perpetua Carneiro Souto Maior, e neto paterno de D. Rodrigo José Antonio de Menezes, 1.º Conde de Cavalleiros e de sua mulher D. Maria José Ferreira d'Eça e Barbosa, 12.º senhora da casa de Cavalleiros etc. d'onde proveio o titulo.

Seu avô era filho de D. Pedro d'Alcantara de Menezes Coutinho e Noronha, 4.º marquez de Marialva, de quem, por consequente, o Conde de Cavalleiros era bisneto.

Ao 1.º Conde de Cavalleiros, cujo titulo fora concedido em duas vidas por Decreto de 14 e Carta regia de 29 de novembro de 1802, havia succedido em 4 de dezembro de 1804, seu filho D. Gregorio José Antonio d'Eça e Menezes, que por falecer sem successão a 25 de dezembro de 1805 n'elle se havia extinguido o titulo, succedeu porém o 3.º Conde a este seu tio no titulo renovado por Decreto de 17 e Carta regia de 23 de novembro de 1865; como succedeu no Morgado de Cavalleiros e o outro seu tio o 3.º Conde da Louzã.



AUSTRALIA — EXPOSIÇÃO DE MELBOURNE, VISTA INTERIOR DO PALACIO

O Conde de Cavalheiros em novo foi cadete de cavalaria n.º 10, mas abandonou a carreira das armas; casou em 24 de setembro de 1834 com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria das Dóres de Portugal e Castro, 1.^a filha das 5.^{as} marquezas de Valença e 12.^{as} condes do Vimioso, hoje actual condessa viúva.

Depois de viver muitos annos uma vida particular modesta e honrada, entrou na scena publica para responder á confiança dos seus amigos e foi eleito deputado da nação em varias legislaturas, sendo por fim elevado ao pariato por carta regia de 5 de março de 1853, alta dignidade de que só tomou posse o prestou juramento na sessão da respectiva camara de 3 de fevereiro de 1866.

Pelo seu caracter serio e probo foi escolhido varias vezes para os altos cargos administrativos exercendo as funções de governador civil dos Districtos de Braga e Lisboa, cargos em que se houve com a maior direitura e prudencia.

Espalhando por muitas familias necessitadas e honestas os beneficios que a sua fortuna, e o seu modesto viver lhe permitiram, sem alarde e sem ostentação, falleceu deixando um nome venerando e digno de se offerrecer como modelo a tantos herdeiros de grandes nomes, e chorado d'aquelles a quem a sua mão benéfica amparava, consignando ainda em seu testamento provas respeitáveis do seu coração bem formado.

Praza aos Céos, que tão nobres exemplos tenham sempre imitadores.

J. B.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

A sessão da tarde presidiu o sr. Villa Nova.

Tomando a palavra o sr. Emilio Magitot leu o seu *Ensaio sobre as mutilações ethnicas*. N'esse trabalho expõe o illustre congressista rapidamente quaes os caracteres essenciaes das diversas mutilações ethnicas e os diferentes pontos da sua repartição geographica, segundo o estado actual dos nossos conhecimentos ethnographicos, as quaes são assim classificadas:

1.^o Mutilação da pelle. Divide-se em tres grupos: posturas e pinturas; epilacão; marcação ou sarapintagem (*tatouage*) por picadas multiplas, incisão simples, ulceracão ou queimadura, etc.

2.^o Mutilações faciaes, dos beiços, do nariz, das orelhas.

3.^o Mutilações cephalicas (da cabeça) por deformação, e trepanação.

4.^o Mutilações do tronco, e dos membros.

5.^o Mutilações dentoes, por fractura, arranco, limação, incrustação, ou prognatismo artificial.

6.^o Mutilações dos órgãos sexuaes, no homem por circumcisão, infibulação, eunuquismo, castração voluntaria, e outras praticas; — na mulher por amputação dos mamillos ou total dos seios, por amputação dos grandes labios ou do clitoris.

Esta pratica das mutilações ethnicas parece estar sujeita a certas leis durante a serie dos tempos e em varias partes do globo.

A maior parte dentre ellas, depois de terem origem, por qualquer eventualidade, em certo povo ou tribu, propagaram-se ulteriormente por meio da emigração ou da conquista, ou ja porque esse povo tenha imposto os seus usos e costumes ao povo vencido, ou porque se tenha substituído a elle conservando as suas praticas ordinarias. Tal é, por exemplo a deformação do craneo, costume que parece ter-se espalhado na Europa pela invasão de um povo particular os cimérios microcephalos.

Observa-se tambem em certos grupos de populações, separadas entre si por grandes espaços terrestres ou maritimos, e que nunca, em periodo algum historico (*quanto se pôde julgar*) tiveram entre si relações, que se infligem a mesma mutilação. Tal por exemplo a amputação de uma phalange, pratica observada tanto no Paraguay, como na costa occidental d'África, tal ainda um certo modo de deformação cephalica executada por algumas tribus da Europa e pelos patagões.

Duas explicações se offercem para este facto: ou a simultaneidade ou simillança dos instinctos humanos, ou a hypothese da junção nos primeiros tempos quaternarios ou terciarios dos continentes, separados hoje.

Alguns observadores, nomeadamente Broca, teem defendido com affino esta ultima supposição, aliás muito razoavel.

Outra lei é que a pratica das mutilações está na razão inversa do estado de civilização. Na Europa estão quasi inteiramente abandonadas e as que se mencionam pertencem aos primeiros tempos da nossa historia ou aos periodos prehistoricos. Pelo contrario as bordas selvagens e primitivas dos continentes africanos da America e da Polynesia constituem os centros actuaes da maior parte das mutilações.

Ha finalmente uma ultima lei geral muito importante a determinar n'esta questão é, a não hereditariedade das mutilações voluntarias.

O trabalho do sr. Magitot, já longo e minucioso é apenas o programma de uma obra completa sobre este assumpto; e entra no desenvolvimento d'aquellas subdivisões.

O sr. Francisco de Paula e Oliveira leu as suas *Notas de anthropologia prehistorica de Portugal*, ou estudos das ossadas humanas prehistoricas da secção geologica.

Fez primeiro notar um craneo que fóra encontrado no terreno quaternario do *Valle do Arto*, sub brachycephalo, muito simillante ao craneo do Furfooz; tanto um como outro apresentam uma depressão sobre o angulo externo do occipital. Se esta coincidência é tão exacta como julga, o solo de Portugal deve ter sido habitado durante a

epoca quaternaria por homens d'aquella raça. Este facto tambem confirmaria a opinião dos autores dos *Craneas ethnica*, que n'um craneo do cabeço d'Arruda veem um indicio da fusão dos dois typos sub-brachycephalos Furfooz e Canstadt, e um d'estes typos é aquelle de que se trata.

A protuberancia das bossas superciliares e a brachycephalia não são geraes nos craneos do Cabeço d'Arruda, antes estes caracteres são n'elles excepcionaes. Apenas um os apresenta; os mais todos são determinadamente dolichocephalos, e as saliencias superciliares pouco desenvolvidas.

Os craneos das cavernas da Casarela e de Monte Junto apresentam dñas formas muito distinctas: uma dolichocephala, simillante em diversos pontos á de Muge, mas de volume mais consideravel; e outra brachycephala, notavel pela saliencia da região frontal e nomeadamente pela proeminencia, elevação e desvio para traz das bossas parietaes que dão ao craneo, visto por cima um contorno trapezoidal.

Um craneo feminino de Lecea apresenta os caracteres brachycephalos mais pronunciados.

O typo masculino pôde ser estudado por um craneo que provém das escavações d'uma gruta do Carvalhal.

A maior parte dos craneos descriptos por Huxley no seu livro *Prehistoric remains of Caithness*, tem uma grande simillança com muitos craneos das nossas cavernas, especialmente os de Monte Junto.

Os craneos de Palmella teem uma forma analogá á dos da Casarela e de Monte Junto, perfeitamente dolichocephalos uns, sub-brachycephalos outros.

Não se encontra em Cascaes o typo brachycephalo. Os craneos são ali muito uniformes, de orbitas quadrangulares, muito prognatos, queixo saliente muito triangular. Os ossos compridos nada tem de especial, a platycnemia da tíbia é pronunciada.

Esta serie, apesar de algumas particularidades, tem muita simillança com a raça chamada de Cro-Magnon.

O sr. de Quatrefages, tomando a palavra disse que o sr. Oliveira dizia uma grande verdade, aproximando certas populações Ibericas da raça de Cro-Magnon. Que tanto elle orador como o sr. Hamy, haviam demonstrado de longa data que essa raça se achava mais ou menos representada na Biscaia, na Algeria, nas Canarias, onde o sr. Verneau a encontrou ainda viva. Deve pois a península Iberica ter recebido a sua parte d'este sangue sobre diversos pontos.

Não se poderia porém attribuir a esta raça todos os elementos dolichocephalos que contribuíram para formar as populações actuaes, nomeadamente as de Portugal; por isso que estudando os craneos extraídos dos kjoekenmoeding, encontrára um typo dolichocephalo, absolutamente distincto do de Cro-Magnon. Estão estes craneos pela maior parte deformados, mas um d'elles, que se acha na vidraça n.º 1, está quasi intacto e permite reconhecer os caracteres que se distinguem tambem nos que não estão muito alterados.

O caracter geral d'este craneo é ser perfeitamente harmonico, e tão dolichocephalo quanto dolichocephalo. A cabeça ossuda de Cro-Magnon, é pelo contrario essencialmente desharmonica, sendo brachycephala é brachyopsa; a sua face é com excesso dilatada transversalmente, o contrario do que se observa na cabeça portuguesa de que tratava. Apresentando esta tambem na orbita, caracteres diferentes da de Cro-Magnon, a qual é alongada horizontalmente, sendo o diametro vertical muito menor que o transversal. Na cabeça portuguesa são os diametros quasi eguaes.

Estas cabeças de face igualmente alongada fizeram-lhe recordar um dos quatro typos biscainhos que tivera occasião de observar nos arredores de Cambo, e com relação aos quaes deu ha tempo alguns pormenores á sociedade de anthropologia. Parecia-lhe pois evidente que estes montanhese da vertente pyrenaica franceza se approximam da antiga raça que deixou restos de cuspilha e seus esqueletos nas bordas do Tejo.

O sr. Henri Martin expoz todas as difficuldades que se encontram, quando se toca nas questões ethnicas que é necessario não confundir com as questões linguisticas. Os povos que fallam a lingua Iberica ao norte da Hespanha e sul da França são descendentes dos antigos Iberos? Elles não apresentam um typo unico, e nós ignoramos se houve um typo Iberico e qual foi. Qual é a mais antiga população da península? Que nome se deve dar, em Portugal, a esta raça que o sr. de Quatrefages aqui encontra, como em outras partes da Europa, e parece ainda identificar com a da Berberia? Como distinguir o Ibero do liguro?

Notou em Castella a presença de homens altos, fortes, musculosos, ossudos, de nariz aquilino, que tem analogia com um typo semitico exagerado, bem que sem relação com os arabes; serão os representantes de uma raça antiga prehistorica?

O sr. Adolfo Coelho, disse que se considerava feliz por se encontrar de accordo com o sr. H. Martin. Tudo são perguntas, nada podemos dizer por enquanto, de certeza. Temos muito poucos monumentos da lingua fallada na Biscaia. Ha muito pouco tempo que se reconheceu a importancia da phonetica na linguistica, para podermos aproveitar-nos dos antigos trabalhos. É mister estandar muito ainda. Tudo o que se pôde afirmar reduz-se a isto apenas: todas as suppostas relações do vascongo com qualquer outra lingua não teem valor.

(Continúa.)

R.

UM QUADRO DE ERASMO

Aos 17 de julho de 1536 soltava o derraideiro alento em Basilea um gigantesco vulto que assombrára o mundo intellectual com o

seu privilegiado talento e com a philosophica profundeza de seus escriptos, — campeão robusto do catholicismo que se erguera a lutar porliadamente contra Luthero, quando este se propoz reformar a Igreja.

Erasmus se chamava este sabio.

Disputaram Rotterdam e Tergou a honra de haver-lhe sido patria. N'este pleito, porém, gloriou-se Rotterdam de ficar afinal victoriosa. No frontispicio de uma casa que lá existe podem os visitantes ainda hoje lèr a inscripção seguinte:

*Aedibus his ortus, mundum decoravit Erasmus
Artibus, ingenio, religione, fide.*

E com respeito á data em que nasceu este illustre sabio, posto que tambem entre varios auctores se note divergencia, parece-nos todavia poder definitivamente marcar-se aos 28 de outubro de 1467.

Contava Erasmus treze annos de idade, quando passou pelo pungente desgosto de perder sua mãe. Aos quatorze ficou igualmente orphão de pae. Aos dezeseite, depois de um anno de noviciado, professou na ordem de Santo Agostinho em um convento proximo de Gouda.

Foi então que, tendo á sua disposição a magnifica livreria d'esse convento — uma das mais preciosas que então existiam, — foi então que o joven monge, estudioso por indole, se entregou apaixonadamente ás letras em que mais tarde chegou a attingir as mais elevadas regiões da concepção humana; d'aqui lhe proveio a aura de erudito; d'aqui lhe procedeu ser brillantemente apontado entre os mais notaveis sabios da época em que viveu; d'aqui lhe resultou ficar o seu nome apreciado e respeitado entre os que mais impunemente arrostantam com o pó dos seculos.

Medianamente versado em letras quem ha que desconheça o nome de Erasmo?

O que, porém, pouquissima gente sabe é que Erasmo, além de letrado, foi artista, — além de escriptor, foi pintor tambem, — não já simples curioso por mero desfastio, mas pintor de grande renome e justamente proclamado como tal entre os seus coevos.

Afeiçoadissimo á cultura das letras, não lhe soffria, porém, seu temperamento em extremo delicado as vigílias frequentes nem o estudo em demasia prolongado.

Mas, porque tambem lhe era insupportavel o ocio, tratou Erasmo de applicar-se durante as horas de descanço (como por distracção) á pintura, — arte em que, no dizer de Riccozzi (*Dizionario degle Architetti, Scultori, Pittori*, etc.), fez mui rapidos progressos.

Roberto d'Azeglio na *Reale Galleria di Torino Illustrata* faz a apothese do «sabio-pintor» equiparando aos resultados colhidos no trato das letras os que obteve da sua applicação á pintura.

B. Descamps (na *Vie des Peintres Flamands, Allemands et Hollandais*) inscreve-o entre os mais excellentes do seu tempo.

No *Nouveau dictionnaire historique* (Lyon, 1789), no *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle* e em muitos outros auctores da maior respeitabilidade encontramos biographado Erasmo não só como sabio e escriptor, mas como pintor eximio.

O merecimento dos seus quadros é finalmente attestado pelos mais distinctos artistas seus contemporaneos e pela opinião não menos abalisada de todos os que, tratando de Erasmo sob este ponto de vista, são unanimes em o apregoar tão celebre na pintura como nas letras.

Os iconoclastas do principio da segunda metade do seculo XVI, a exemplo do que praticaram os seus predecessores do seculo IX, dando largas aos seus instinctos brutaes, correram com um ardor verdadeiramente satanico a destruir trabalhos de alto merecimento, productos do talento de artistas mui distinctos e obras de subido apreço, não poupando os magnificos quadros de Erasmo.

(Continúa)

A. PORFIRIO DE CARVALHO PEREIRA.

O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO

RIO DE JANEIRO

E O

TRI-CENTENARIO DE CAMÕES

(Conclusão)

«Em 31 de dezembro de 1878 o *Gabinete* possuía 47:616 volumes no valor nominal de 105:320\$000, mas com valor real muito mais crescido, pela avultada copia de obras difíceis de adquirir. O fundo para o edificio elevava-se a 123:352\$000, valor effectivo, representado por quatro predios no Largo da Academia, e dinheiro depositado em conta corrente no Banco Industrial e Mercantil. Calculava a directoria que em junho de 1880 se cleve este fundo disponível a 60:000\$000 e permitta a immediata edificação da obra *manuelina*. O numero de socios era de 1:433 e o de subscriptores 126. Movimento annual de livros, 43:500 volumes. A receita ordinaria foi de 14:639\$000 e a despeza 11:376\$000. E' avaliada a construcção do edificio em cerca de 200 contos de réis, e a directoria obteve a coadjuvação do illustre architecto F. J. Bettencourt da Silva, o fundador e principal sustentaculo da bella e utilissima instituição que no Rio de Janeiro se denomina *Lyceu de Artes e Officios*, para presidir á direcção d'esse importante trabalho.

«Cabe aqui fazer honrosa menção dos conselhos deliberativos que serviram no ultimo biennio. O auxilio importantissimo que prestaram ao *Gabinete* com a subscrição de grande numero de acções (450 em 1878, cerca de 700 em 1879) permittiu á directoria, pela influencia material dos recursos e ainda mais pela influencia moral de tão louvavel dedicacção, formar o projecto de lançar-se a primeira pedra do novo edificio em 10 de junho de 1880.

«E' no discurso do actual presidente Eduardo Lemos, pronunciado perante o conselho deliberativo, em 18 de junho de 1879, que deparamos os dados d'este fecho, e ao mesmo tempo o honroso programma do CENTENARIO DE CAMÕES que o *Gabinete* se propõe celebrar. Este programma merece a transcripcção em nosso trabalho, porque elle representa bem o fogo sagrado, a idéa grandiosa de civismo e progresso nacional que tem sido transmittida de uma a outra geração de operarios intellectuaes, no seio do *Gabinete Portuguez de Leitura*:

«Ligar o nome de Camões ao nosso instituto por um laço perpetuo, um vinculo de pedra, foi o primeiro pensamento da directoria. N'este intuito projecta-se com a maior solemnidade a fundação da primeira pedra do edificio para a nossa bibliotheca no dia do memorando centenario.

«Camões e o infante D. Henrique, representados em bellas estatuas de marmore e ladeando o portico de puro estylo *manuelino* d'aquelle monumento erguido ás letras, serão os patronos gloriosos da futura BIBLIOTHECA PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO.

«Projecta mais a directoria mandar imprimir em Portugal uma grande edição dos *Lusiadas*, edição critica e artisticamente coordenada, que será precedida de um estudo sobre Camões, seu tempo e sua obra, feito expressamente por um dos nossos mais notaveis escriptores contemporaneos. Esta edição, nitidamente impressa e elegantemente encadernada, denominar-se-ha *Edição do Terceiro Centenario de Camões*. Parte da mesma será pelo *Gabinete* offerecida gratuitamente em Portugal e no Brazil; commemorando assim, de modo expressivo, a sua admiracção pelo genio do immortal poeta portuguez.

«Finalmente, no dia do faustoso centenario o *Gabinete* promoverá no maior theatro ou salão d'esta côrte, adornado com esmero, um grande festival artistico, organizado do modo mais distincto e attrahente que permittirem os recursos musicaes d'esta cidade. Preferir-se-ha em todo caso o concurso de companhia lyrica, afim de realizar-se um selecto concerto digno

da circumstancia e dos numerosos convidados que fizerem ao *Gabinete* a honra de abrihantiar com sua presença esta festa popular.»

G. L.

A GUERRA DO PACIFICO

(Continuação)

Ser-nos-hia completamente impossivel acompanhar, passo a passo, os episodios da guerra, historiar todos os combates mais ou menos importantes, que se feriram entre as armadas e os exercitos das tres republicas belligerantes, descrever de per si os successivos encontros marítimos das forças navaes dos tres estados, encontros alguns dos quaes bem desastrosos para o Chili; o espaço de que dispomos oppõe-se a essa resenha minuciosa da guerra, que teve por muito tempo suspensa a attenção de toda a America, e que causou profunda sensação na vizinha Hespanha, a mãe commum dos tres belligerantes, a essa historia, por assim dizer, puramente dramatica, da guerra do Pacifico. Além d'isso, o interesse d'esses encontros e d'esses combates caducou absolutamente, hoje que já se sabe o resultado da lucta.

O primeiro combate naval que se deu foi entre as corvetas peruanas *Union* e *Pilcomayo*, e a canhoneira chilena *Majallanes*, que repelliu o ataque, fazendo desbarvar a *Union*. D'ahi até ao bloqueio de Callau pelas forças chilenas, a sorte da guerra esteve por muitas vezes duvidosa.

Depois d'esse primeiro encontro, a esquadra chilena dirigiu-se para Iquique, depois de ter reduzido a cinzas Pisagua e bombardeou o porto, um porto peruano, extremamente frequentado pelo commercio estrangeiro e quasi que indefeso.

Esse bombardeamento levantou alguns attritos internacionaes contra o Chili; os consules residentes em Iquique, manifestaram o seu desgosto pelo bombardeamento, que obrigou a fugir em debandada centenaes de estrangeiros ali residentes, e alguns governos dos Estados Unidos chegaram a mandar para as aguas de Iquique as suas esquadras de observação para, em caso de necessidade, protegerem os seus subditos seriamente ameaçados.

A esquadra peruana atacou então com os seus coraçados *Huascar* e *Independencia* dois navios chilenos *Esmeralda* e *Covadonga*. O combate foi horrivel, o mais importante de todos os combates navaes feridos n'esta guerra; houve um grande numero de victimas, e os dois navios chilenos perderam-se completamente, assim como tambem o *Independencia*, sahindo apenas victorioso da lucta o *Huascar*, o melhor navio da esquadra peruana.

Este navio ficou memoravel na guerra do Pacifico. Na sua tolda morreram heroicamente dois dos homens mais notaveis da marinha peruana e chilena.

No combate a que nos referimos, foi ferido mortalmente o valente chileno Prat, commandante da *Esmeralda*.

No mais acceso do combate, o commandante Prat saltára á coberta do *Huascar*, para intimar o commandante Grau a render-se. N'esse momento veiu uma bala e matou-o.

D'ali a pouco tempo a coberta do *Huascar*, no combate sustentado por este navio peruano contra os navios chilenos *Cochrane* e *Blanco Encalada*, viu o seu valente commandante Grau ser partido ao meio por uma granada do *Cochrane*, que arrebentou na tolda do *Huascar* e que levou o tronco do heroico peruano, que nunca mais se poudo encontrar.

E não foram estes, apenas, os grandes homens que as republicas do Pacifico perderam n'esta desastrosa guerra. D. Raphael Sotomayor, ministro da guerra e marinha do Chili, morreu no acampamento de Buenavista ao pé de Taena (Peru). Secretario geral da esquadra chilena no começo da guerra, foi depois nomeado ministro da guerra. Adoptou medidas energicas, o Chili deve-lhe grande parte da sua victoria, mas tendo-se posto á frente do exer-

cito, de operações, a fadiga das marchas adoeceu-o, e sem querer retirar-se, sem querer deixar o exercito de que era a alma, peiorou e morreu no acampamento.

D. Eleuterio Ramos, coronel do 2.º regimento de linha, um militar dos mais valentes, foi ferido em Tarapacá, e sem abandonar o seu posto, morreu heroicamente luctando até á ultima hora.

E levar-nos-ia longe a lista se fossemos buscar nomes menos conhecidos mas que se assignalaram tambem no ultimo momento pela sua heroicidade.

A guerra entretante proseguia terrivel, sem treguas. No Peru D. Nicolau de Pierola substituiu na presidencia da republica D. Mariano Prado. Merece que paremos um pouco defronte d'elle, este vulto que é um dos mais notaveis da politica peruana, uma das suas personalidades mais caracteristicas. D. Nicolau Pierola é um dos mais terriveis agitadores do Peru, tem grande energia e grande popularidade e está á testa do partido conservador.

Sempre mettido em conspirações, incommodando atrozmente todos os governos D. Nicolau Pierola quando começou a guerra, quando D. Marianno Prado, se viu forçado a acceital-a como ultimo recurso, e fez ao povo a declaração a que já nos referimos, Nicolau Pierola assignalou-se por um acto de verdadeiro patriotismo, poz á disposição do governo que combatia energicamente, todos os elementos que tinha ao seu dispôr e que destinava á lucta politica contra esse governo.

D'ali a pouco tempo, quando os chilenos tomaram as povoações importantes de Pisagua e Iquique, e que a sorte das armas em terra se mostrou tambem adversa ao Peru, os peruanos segundo as boas tradições de todos os povos em idênticas circumstancias, começaram a attribuir os seus desastres ao presidente da republica e a opinião publica foi quasi unanime em fazer recair sobre D. Marianno Prado a responsabilidade da derrota imminente e fatal. D. Marianno Prado desgostoso retirou-se do territorio peruano, formando-se logo dois partidos, um composto quasi exclusivamente de parte da tropa de guarnição que era pelo governo caído, outro formado pelo povo e pelo resto das tropas, que era por D. Nicolau Pierola. Por fim os dois partidos chegaram a vias de facto, luctaram nas ruas de Lima, ficando triumphante o partido de Pierola, que foi logo posto na presidencia da republica, e que em breve se poz á frente do exercito combatente.

Victoriosos no mar os chilenos foram dentro em pouco em terra. As tropas do Chili, sob o commando do general Baquedano depois de estarem acampadas tres semanas, no valle de Luren, estudando as posições dos peruanos entre Chorrillos e Monterico Chico e provendo-se de munições e de meios de transporte, atacam na manhã de 12 de janeiro ao romper do dia em tres divisões commandadas pelo general Sotomayor, o heroe de quem acima fallámos, e que morreu das fadigas da campanha e pelos coroneis Lynck e Lagos as forças peruanas, e ás 7 horas da manhã, já parecia evidente a derrota d'estas quando os soldados exhortados pelo energico Pierola renovaram o combate com extraordinario vigor,

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Pequeno azo faz grande damno.

e até ao meio dia a victoria esteve muito indecisa. O combate dava-se nas imminencias que cercam a formosa villa Chorillos, e a resistencia dos peruanos n'esta villa foi heroica, heroica demais, porque os chilenos atacavam com denodo igual aquelle com que os peruanos a defendiam e quando finalmente as tropas de Pierola, foram vencidas, a encantadora villa estava transformada em um monte de ruinas.

No dia 15 os representantes da Inglaterra, França e Republica de S. Salvador apresentaram-se ao general chileno Baquedano, como encarregados pelo dictador Pierola para tratarem das condições da paz. Os peruanos tinham perdido as suas ultimas esperanças.

O general Baquedano recebeu no seu acampamento os enviados da Republica do Peru, e na conferencia para as bases da paz o vencedor exigiu a suspensão das hostilidades, a cessão provisoria do porto de Callau e suas dependencias, e a entrega de todos os navios de guerra e transportes que compunham a esquadra peruana. Os intermediarios retiraram-se para transmittir estas bases a D. Nicolau Pierola deixando pactuado um armistício que devia expirar á meia noite, mas durante o qual os dois exercitos poderiam operar os movimentos que seus generaes julgassem convenientes. Mas ao mesmo tempo que ás portas de Chorillos se discutiam as bases da paz, do lado de Miraflores feria-se um importante combate, que deu a victoria decisiva aos chilenos que se assenhorearam dos cinco redutos artilhados, ultima linha de defeza da capital do Peru. No dia immediato o alcaide da cidade apresentava-se ao general Baquedano declarando-lhe que Lima abria as suas portas ao vencedor. No dia 17 o exercito chileno occupava Lima e no dia 18 Callau, victorioso finalmente ao cabo d'uma longa e terrivel lucta naval e terrestre que durou cerca de dois annos.

(Continúa)

G. L.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

FLORES DA INFANCIA, contos e poesias moraes dedicados á mocidade portugueza, por Maria Rita Chiappe Cadet. Approvado pela Junta Consultiva d'instrução publica do reino para uso das escolas primarias, por decreto de 19 de janeiro de 1880, 2.^a edição. Um lindo volume encadernado

em percalina cor de rosa com ornatos na pasta e dourado por folha, preço 600 réis.

Que diremos nós d'este formoso livrinho engraçado e gentil como todas as miniaturas, casto e perfumado como um lyrio, a cujas paginas singelas a alma da sua autora imprimio um cunho de innocencia angelica. O que

está consubstanciado tudo quanto póde enlevar o espirito das criancinhas louras e formosas; formar-lhes a alma que mal desabrocha por entre as caricias maternas; robustecer-lhes e avigorar-lhes instinctos do bem; desenvolver-lhes as faculdades, servir de poderoso auxiliar ao ensino das doutrinas moraes que constituem a base da educação do homem; guiar os nossos filhos na sublime pratica das virtudes, apontando-lhes por meio de exemplos salutaes a linha recta da moralidade e do dever.

O Conselho de instrução publica, approvando o livrinho de D. Maria Cadet, para uso das escolas primarias aquilatou-lhe de sobra o merecimento, mostrou eloquentemente a sua utilidade.

O GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE e as conferencias do engenheiro Machado na Sociedade de Geographia de Lisboa, Moçambique, Imprensa Nacional 1881, 8.^o fr. de 29 pag. e um appenso de xxii pag. Do titulo se conhece que o ex-governador geral dr. Augusto Cesar Rodrigues Sarmento pretende desfazer a impressão, que poderiam causar contra a sua pessoa e autoridade, as asserções do engenheiro Machado nas conferencias de que demos conta a pag. 80 do presente volume. Sinceramente diremos que não gostamos da fórma d'esta resposta, a que parte da imprensa já se referiu, com quanto tenhamos em consideração a intelligencia, zelo e bons desejos do funcionario exonerado.

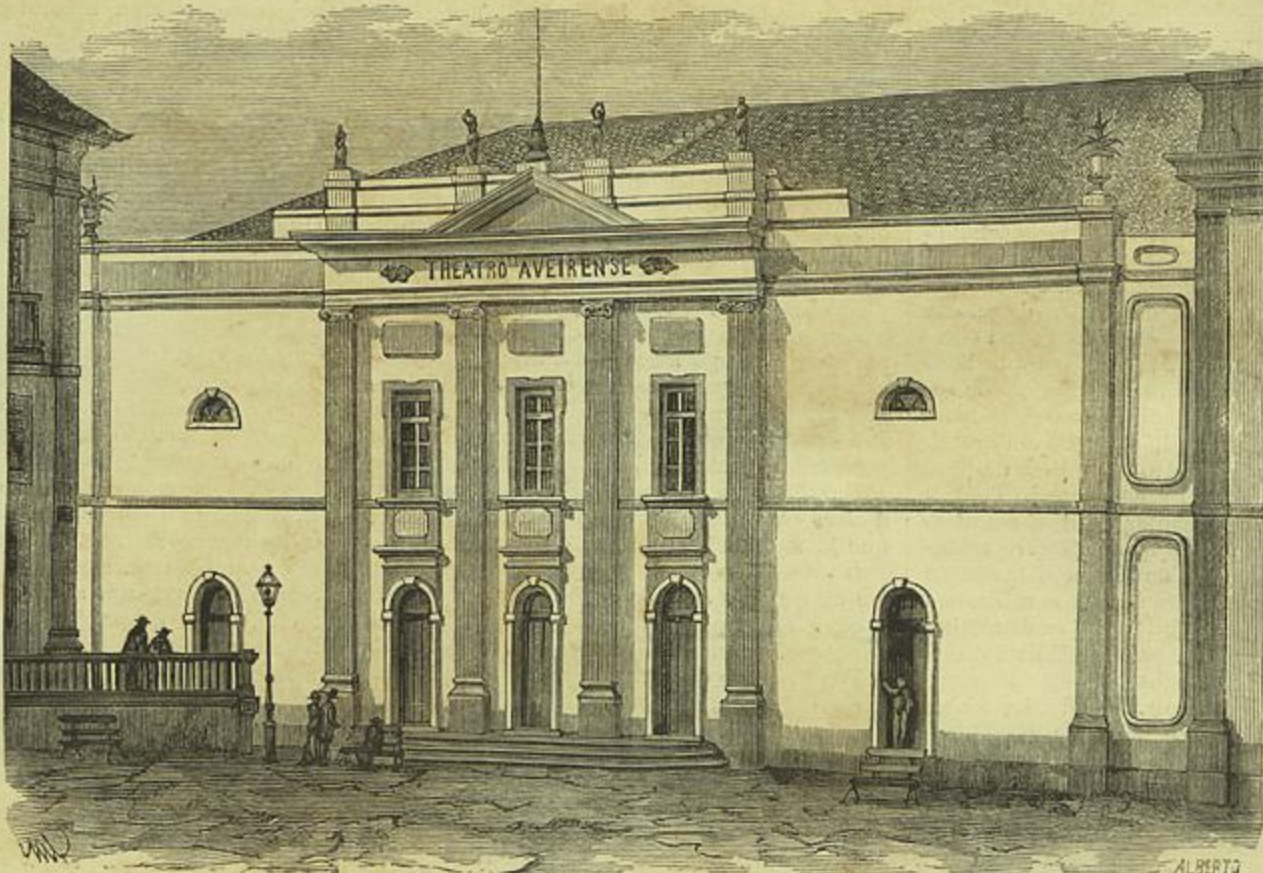
O POSITIVISMO, Revista de philosophia dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos.—3.^o anno, n.^o 3 fevereiro e março, Porto, Livraria Universal 1881.—Traz este fasciculo, além de alguns artigos bibliographicos, os seguintes: sociologia (conclusão) pelo sr. Theophilo Braga, Contribuições para uma mythologia popular portugueza: VI As superstições populares n'um processo da Inquisição, pelo sr. Consiglieri Pedroso; —O Centenario de Calderon, pelo sr. Theophilo Braga, que é pouco mais ou menos a communicacão que o illustre professor fez na sociedade dos jornalistas e homens de letras.

ARCHIVO DOS AÇORES, Publicação periodica destinada á vulgarisacão dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. Vol. 2.^o numero X, Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel (Açores) Typo do Arch. dos Açores, 1881, 4.^o de 96 pag. — Encerra este numero além de varios artigos repletos de documentos ineditos, o principal dos quaes Dominio hespanhol nos Açores, que se refere á época das pretensões do Prior do Crato e intrusão dos Philippes, um artigo de archiologia. —Uma cruz historica, na ilha Graciosa, e outro descrevendo os festejos por occasião da celebração do centenario de Camões na Ribeira Grande, que não póde deixar de entrar em todas as camoneanas. Faltam só dois fasciculos para concluir o segundo volume d'esta interessante e util publicacão que cada vez se torna mais importante.

CATALOGO DA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO-BAZAR DE BELLAS ARTES, promovida pelo Centro Artistico Portuense no Palacio de Chrystal do Porto, 1881—40 paginas de 8.^o com um appendice de 25 paginas. Relação de todas as obras de Architectura, Esculptura, Pintura, Desenho, Gravura e artes de reproducção, artes industriaes, archeologia e litteratura d'arte em que figuraram cerca de trezentos livros n'esta exposição.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

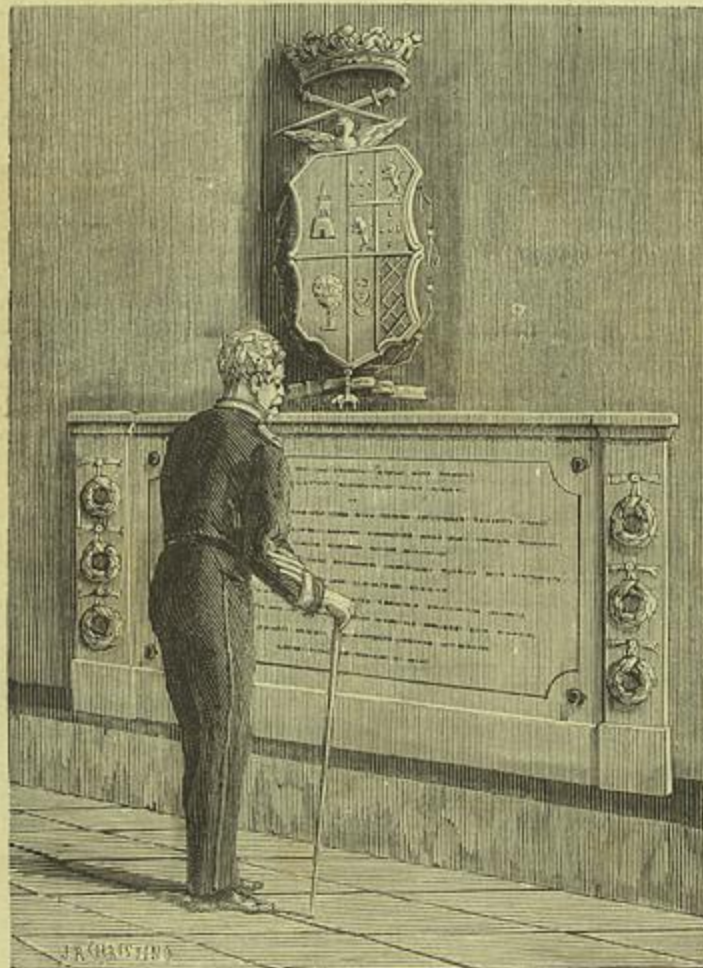
1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA 6, Rua do Thesouro Velho, 6



AVEIRO — THEATRO AVEIRENSE INAUGURADO EM 5 DE MARÇO DE 1881 (Segundo uma photographia de Munné)

poderemos acrescentar ás multiplices apreciações dos nossos collegas da imprensa, se a voz d'elles já fallou bem alto, para contar ás mães os prodigios de belleza que as mimosas florinhas ostentam exhalando um perfume suavissimo?

FLORES DA INFANCIA, n'este titulo seductor e attrahente



JAZIGO DO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA, EM S. VICENTE DE FÓRA PARA ONDE FORAM TRASLADADOS OS SEUS RESTOS, EM 23 DE MAIO DE 1881 (Desenho do natural por J. Christino)